



Sociometria das ausências: desamparo e subjetivação

Devanir Merengué¹

RESUMO

O texto discute a sociometria como abordagem voltada às relações concretas, destacando que, na prática clínica, muitas vezes o que se evidencia não é apenas a presença, mas principalmente a ausência — de figuras familiares, vínculos sociais e até do Estado, sobretudo em contextos de vulnerabilidade. Essas ausências produzem efeitos subjetivos diversos, como mágoa, ressentimento, culpa, vergonha, idealização e isolamento, influenciando diretamente o processo de subjetivação e a constituição dos sujeitos. Nesse cenário, a possibilidade de elaborar o luto ou engajar-se em formas de luta aparece como um horizonte de transformação. No desenvolvimento, o texto ressalta que psicodramatistas, enquanto atores sociais, compartilham da mesma realidade que seus pacientes, sendo atravessados por sofrimentos que emergem tanto no nível individual quanto coletivo. Narrativas de abandono — concretas ou afetivas — variam conforme contextos familiares, sociais e históricos, muitas vezes atravessando gerações. Essas rupturas relacionais geram fraturas psíquicas profundas, articulando histórias pessoais à História mais ampla. O abandono e o desamparo, portanto, não são apenas experiências individuais, mas expressões de dinâmicas sociais mais amplas, podendo inclusive ressignificar eventos como morte e suicídio, especialmente na vivência infantil. O objetivo do trabalho é criar um espaço para elaboração desses afetos, promovendo uma “multivisão” que substitua a lógica tradicional de supervisão por uma perspectiva mais plural. Busca-se articular dimensões micro e macro, conectando experiências individuais às estruturas sociais. Metodologicamente, a proposta segue as etapas do psicodrama — aquecimento, dramatização, compartilhamento e processamento técnico — favorecendo a emergência de compreensões mais espontâneas e menos evidentes por meio da ação e da criação simbólica.

Palavras-chave: Supervisão. Sociometria. Desamparo. Ausência. Subjetivação

¹ Psicólogo e psicodramatista. Professor supervisor e terapeuta de aluno. Autor, co-autor e organizador de livros em Psicodrama. Os mais recentes são Psicodrama e Política, O sonho como resistência, Psicodramas Insurgentes, todos pela Editora Ágora.



1 INTRODUÇÃO

A sociometria trabalha com relações concretas, estimulando escolhas positivas, negativas ou neutras. A experiência clínica, no entanto, apresenta muitas vezes ausências: da mãe, do pai, da família, de amigos. Podemos pensar ainda na ausência do Estado para muitas pessoas, especialmente de classes pobres e marginalizadas. De modo, não tão distinto o desamparo racial, de gênero e de tantas minorias. O que resulta dessas ausências relacionais? Mágoa, ressentimento, raiva, ódio ou ainda culpa, vergonha, idealização, melancolia. Ou aquilo que podemos chamar de isolamento. A presença pressupõe modelos, caminhos, organização, mas a ausência igualmente produz possibilidades mais ou menos positivas ou negativas. O que interessa aqui é o processo de subjetivação, ou seja, a construção dos sujeitos e todos os prováveis sintomas resultantes dessas residualidades. A alternativa de realizar o luto ou empreender alguma luta é uma esperança importante.

2 DESENVOLVIMENTO

Fundamentação

Os psicodramatistas que se dedicam à atividade clínica são atores sociais que participam da mesma sociedade de suas e seus clientes, entrando em constante contato, no entanto, com aflições muito particulares dos indivíduos. No espaço grupal os profissionais são confrontados com os dramáticos sofrimentos presentes no enredo produzido pela sociedade.

Os relatos de abandono (concreto ou afetivamente) por parte dos indivíduos e grupos acontecem obviamente de modos diferentes nas famílias, dos distintos grupos e classes sociais, com distintas ressonâncias. Essas narrativas não dizem respeito apenas ao presente e, com frequência, se estendem ao passado e mesmo às histórias de outras gerações. Impressiona,

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



igualmente, as estatísticas de pessoas que “desaparecem”. Essas quebras nos relacionamentos produzem fraturas psíquicas doloridas.

As histórias pessoais se mesclam à História. Os sofrimentos não se dissociam no grande drama da família, da cidade e do país. O abandono e o desamparo, portanto, contam no particular de algo muito mais amplo. A morte e o suicídio podem ser interpretados como abandono, especialmente para as crianças.

As ausências podem ser representadas no cotidiano, na memória e nos sonhos com afetos correspondentes às histórias contadas ou interpretadas.

Objetivo

Possibilitar um lugar para os afetos no qual diferentes visões possam ser construídas e discutidas, compreendendo as relações de indivíduos com as instituições e a sociedade de modo geral. Nesse sentido, modificar a ideia de supervisão, que pressupõe um olhar superior e definitivo tentando avançar para a proposta de multivisão, na qual diferentes possibilidades são oferecidas. Fazer conexões entre o micro (indivíduo, grupo, família) e o macro (sociedade e Estado) são objetivos desejáveis.

Metodologia

A sessão tem como base as conhecidas etapas com aquecimento, dramatização e compartilhamento, mais um processamento técnico. As criações estarão a serviço do objetivo maior como explicitadas acima. O aquecimento verbal abre a sessão e em seguida busca por um aquecimento físico e psicodramático. Os atores sociais se transformam em atores psicodramáticos visando no material imaginários compreensões menos óbvias e espontâneas.

REFERÊNCIAS

CABANAS, E. ILLOUZ, E. Happyracia: fabricando cidadãos felizes. São Paulo: Ubu Editora. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs. Brasília DF. 2019.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



FARHI NETO, L. Biopolíticas: as formulações de Foucault. Cidade Futura: Florianópolis. 2010.

GROS, F. Desobedecer. São Paulo: Ubu Editora. 2018

LE BRETON, D. Desaparecer de si. Vozes Editora: Petrópolis 2019

MERENGUÉ, D. O sonho como resistência: Psicodrama e Neoliberalismo. Agora: São Paulo. 2024.

FILMOGRAFIA

VALOR SENTIMENTAL. Dirigido por Joachim Trier. Noruega. 2025.

O AGENTE SECRETO. Dirigido por Kleber Mendonça Filho. Brasil. 2025.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026